

Haroldo Hollanda

JORNAL DE BRASÍLIA

Sarney e a economia nacional

Em seus quase três anos de Governo, a serem em breve completados, o presidente Sarney já executou três diferentes estilos de administração econômica, aplicados cada um deles pelos ex-ministros Francisco Dornelles, Dílson Funaro e Bresser Pereira. Nenhum desses ex-ministros se revelou capaz de ir a fundo nas questões econômicas que sobressaltam os brasileiros e conter o inimigo mortal denominado inflação. A promessa de inflação zero do ex-ministro Dílson Funaro não tinha exequibilidade na realidade dos fatos, apesar da exacerbação a que levou as aspirações de toda a sociedade brasileira.

Bresser tinha mais os pés no chão do que Funaro, mas perdeu-se no meio do caminho. Frustrou-se a sua política de compatibilização de preços e salários. Quanto ao ex-ministro Francisco Dornelles, o primeiro gestor econômico da Nova República, ele não soube dizer a que veio e foi logo substituído por Sarney, interessado em ter um ministro afinado pessoalmente com ele e com o PMDB. Mas Funaro, apesar das suas boas intenções, acabou desorganizando a economia nacional a um grau antes desconhecido.

Tudo indica agora que o novo ministro da Fazenda venha a ser o sr. Mailson Nóbrega, embora o

presidente Sarney esteja dando a si próprio um prazo para reflexão, antes de tomar a decisão final, o que deverá ocorrer em princípios de janeiro. Afinal de contas, numa situação como a brasileira, não se recomenda que se estenda o prazo de interinidade na nomeação do homem a quem caberá gerir o posto-chave da economia nacional nos próximos meses. Se o cargo vier a couber ao sr. Mailson Nóbrega, como tudo indica, a impressão que colhem os políticos é a de que o presidente da República resolveu, ele próprio, assumir também os ônus e as responsabilidades na condução da política econômica. Mailson, embora seja um aplicado funcionário e técnico da máquina burocrática nacional, não é um economista do porte de alguns dos seus antecessores, como Roberto Campos, Delfim Netto, Mário Henrique Simonsen e Bresser Pereira. É pouco provável também que um economista ou empresário de grande expressão viesse a aceitar o Ministério da Fazenda, sem fazer a exigência de que lhe fosse dada carta branca para realizar seus planos.

Sarney parece não se dispor a tanto, especialmente, depois das experiências frustradas realizadas pelas equipes econômicas de Dílson Funaro e de Bresser Pereira. Por sua vez, o presidente da República não se revela disposto a realizar

uma política de combate à inflação que vá à raiz dos problemas, tendo em vista a impopularidade que as medidas exigidas acarretariam. A exemplo do PMDB nos seus discursos de palanque, o presidente Sarney fala em acabar com a inflação, mas sem que isso ocasionie recessão. Essa fórmula milagrosa não existe. Além do mais, noutra coisa não estamos vivendo, a não ser em recessão, desde que os planos econômicos do ex-ministro Funaro se revelaram inviáveis. Temos recessão, sem que a inflação seja contida. Por outro lado, a inflação se processa sempre em escala ascendente, acompanhada de aumentos de impostos e de perda do poder aquisitivo dos salários. O deputado e economista José Serra, do PMDB de São Paulo, analisando os atuais problemas brasileiros, em artigo publicado na imprensa, lembra que bem ou mal o último plano econômico coerente aplicado no Brasil foi da dupla Roberto Campos-Otávio Gouveia de Bulhões. O ex-ministro Delfim Netto nunca realizou um programa econômico próprio. Nos governos Costa e Silva e Médici, Delfim foi favorecido pelas medidas tomadas pelo Governo anterior. Quando retornou ao poder, no governo Figueiredo, revelou-se incapaz de realizar as reformas econômicas reclamadas pelo País.

Ignácio de Aragão

Brazil 26 DEZ 1987